

Provocações etnográficas: autoria, ficções e fronteiras na obra de Jean Rouch

Autores: Luciana Fávero (contato: lu.favero4@gmail.com),
sob orientação do Prof. Dr. Marcius César Soares Freire

Instituto de Artes

Pesquisa financiada pela Fapesp

Palavras-Chave: Autoria - Jean Rouch - Etnoficções - Etnografia - Cinema Documentário

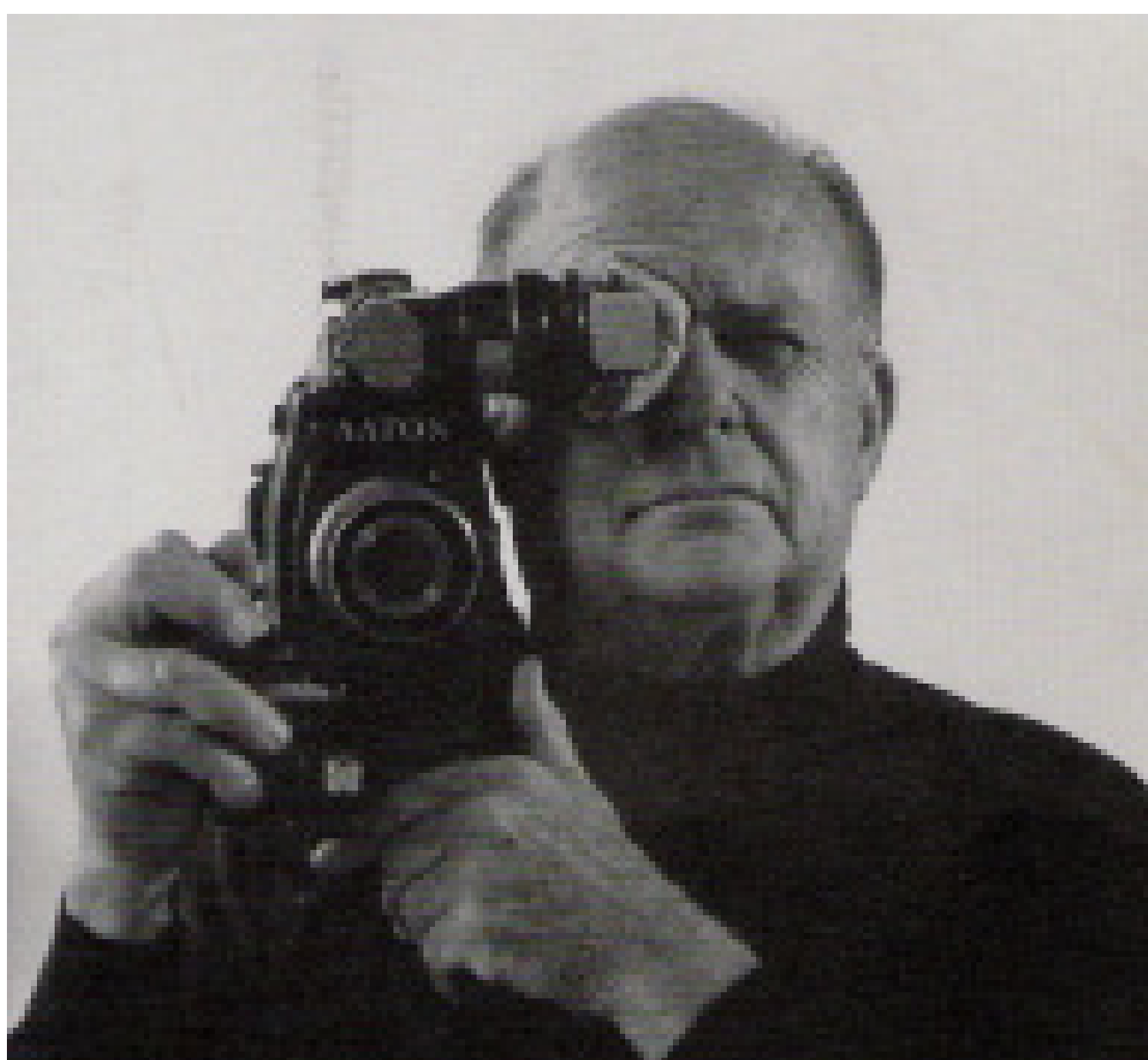
Introdução

Jean Rouch foi engenheiro, antropólogo e cineasta. Pai da antropologia compartilhada, foi, enquanto cineasta, poeta. Agregador de culturas, construiu pontes e destruiu fronteiras através de sua vasta produção fílmica. Mas foi Jean Rouch um autor?

Ser consciente da subjetividade da objetiva foi uma característica fundante para a produção rouchniana. A partir dessa característica, Rouch concluiu que o cinema instaura verdades e, ao instaurá-las, dissolve as fronteiras entre real e ficção. Assim, desmazelando conceitos como verdadeiro e falso, o cineasta-antropólogo foi capaz de criar – com os Outros e através de suas pontes metafóricas - obras únicas e inclassificáveis.

Embora tentativas de classificar a produção fílmica de Rouch pululem no meio acadêmico, é evidente a dificuldade encontrada pelos especialistas durante essa tarefa. Um mesmo filme pode ser encontrado simultaneamente em mais de uma das três categorias que repartem a obra do cineasta – “etnografias” (documentários), “etnoficções” (ou semi-documentários) e “ficções puras” (ou ficções genuínas). As origens dessa dificuldade, que repousam sob as marcas de autoria, serão aqui discutidas, e a validade da criação dessas categorias será questionada. Afinal, como delimitar a obra daquele cujo principal mérito foi o de destruir fronteiras?

“Provocações etnográficas: autoria, ficções e fronteiras na obra de Jean Rouch” discute, então, a questão da autoria na produção do cineasta francês considerado o pai da antropologia compartilhada, tentando responder à questão: “foi Jean Rouch um autor?”. Fruto do embate entre bibliografia existente sobre o tema e a análise dos filmes produzidos por Rouch entre 1955 e 1960 – período que sintetiza o caminho entre as origens e a eclosão do cinema verdade e que abarca a maior parte das etnoficções rouchnianas –, a pesquisa desenvolveu-se com a conceituação do termo “autor” e com a busca desse autor na filmografia em questão.



Rouch, o poeta etnólogo.

Metodologia

Na primeira etapa, realizou-se um levantamento bibliográfico. Foram lidos textos que abordavam a questão do autor (a história do conceito, a relação com a subjetividade moderna e o estudo na literatura), que trabalham a relação autoria-cinema e que dissertavam sobre a representação audiovisual do real, bem como os que analisavam a produção cinematográfica de Jean Rouch. Essas leituras e análises constituíram o embasamento teórico da pesquisa.

Na segunda etapa, assistimos e decupamos os filmes “Les Maîtres Fous” (1955), “Jaguar” (1957-1967), “Moro Naba” (1956-1957), “La Chasse au Lion à l’arc” (1957 –1964), “Moi, un Noir” (1958), “La Pyramide Humain” (1959) e “Chronique d’un été” (1960). Estabelecemos traços comuns entre as obras analisadas, com base nas decupagens, observações e leituras já realizadas, e, à partir desses traços, procuramos determinar as marcas de autoria na obra fílmica visitada.

Resultados e Discussão

“Foi Jean Rouch um autor?” era a primeira grande questão, que me motivou a iniciar a pesquisa. Desde o início, já respondia afirmativamente a essa indagação, mas precisava de argumentos que embasassem minha resposta. Dessa dúvida, outras questões menores – e fundamentais – se desdobraram, sendo “quem foi Jean Rouch?”, “o que é um autor?”, “observamos marcas de autoria no trabalho de Rouch?”, “quais são essas marcas?” os exemplos em destaque. Responder a essas pequenas inquirições, para, por fim, responder a grande questão – e comprovar ou não uma de minhas certezas-, foi o caminho que optei por seguir; caminho que me levou a elaborar um conceito particular para o termo Autor, caminho que levou às conclusões que apresento no próximo item.



Planos que se repetem em vários dos filmes: a câmera desce do céu em direção à terra para encontrar o personagem que nos conduzirá durante o filme

- 1- Jaguar
- 2- Moro Naba
- 3 - Moi, un Noir

Conclusões

Compreendendo o termo como função reguladora da operação de certos discursos na sociedade; considerando o autor como um contador de histórias e um leitor do mundo, um ser capaz de organizar à sua maneira a multiplicidade de elementos envolvidos na realização de um filme - e cuja existência estaria condicionada à percepção de algumas marcas em sua obra (sobretudo no que diz respeito à utilização da linguagem)-, pôde-se afirmar que Rouch foi um autor. Autor que tinha no Outro sua matriz, e na tradição oral seu método. Autor que registrava a história dos outros e, com os fragmentos de todas essas vidas contadas, construía o enredo de sua própria existência.